

Cidade e escola: a construção visual do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS - Brasil (1913-1935)¹

City and School: the Visible Construction of the Fernando Gomes Elementary School in Porto Alegre/RS - Brazil (1913-1935)

Tatiane De Freitas Ermel

e-mail: tati.ermel@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil

Resumo: Na perspectiva dos estudos sobre espaço e arquitetura escolar, o presente artigo analisa a construção visual do Colégio Elementar Fernando Gomes, localizado no centro da cidade de Porto Alegre/RS-Brasil, entre os anos 1913 e 1935. Projetado pelo Engenheiro Afonso Hébert, chefe da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul/RS, o edifício foi finalizado em 1922, com proporções monumentais, incorporando além dos elementos funcionais – um amplo número de salas de aula que serviria para aumentar o acesso de crianças à escola primária – uma série de elementos simbólicos, alinhados ao ideal da Primeira República Brasileira (1889-1930). A análise documental foi realizada nos Relatórios da Diretoria de Instrução Pública e Diretoria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, assim como fontes iconográficas, planos de melhoramentos da Capital e periódicos de época. Consta-se que a construção do colégio inaugura uma nova concepção de espaço e arquitetura escolar primária pública no Estado, sendo que a melhora visual e o saneamento das cidades eram de grande importância no período e a construção de prédios escolares uma das principais propagandas do novo regime político republicano.

Palavras-chave: Espaço escolar; Colégio Elementar; Edifícios Escolares; Primeira República Brasileira.

Abstract: In the context of studies about space and school architecture, this article analyses the visual construction of the Fernando Gomes Elementary School, which was located in downtown Porto Alegre/RS, Brazil between 1913 and 1935. Designed by the engineer Afonso Hébert, head of the Department of Public Works in the State of Rio Grande do Sul/RS, the building was completed in 1922. In addition to functional elements, i.e., a large number of classrooms that would serve to increase the access of children to primary school, its monumental

¹ O estudo é resultado da dissertação de Mestrado (2009-2011), intitulada: «O Gigante do Alto da Bronze: um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913-1930)», realizado com bolsa da Coordenação Nacional de Pesquisa (CNPq). O Colégio segue como uma das instituições analisadas para a Tese de Doutorado (2013-2017), relacionado à memória e patrimônio da educação no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, com bolsa da Coordenação Nacional de Pessoal de Nível Superior (Capes).

proportions incorporated a series of symbolic elements aligned with the ideals of the First Brazilian Republic (1889–1930).

The documentary analysis was performed on the archives of the Directorship of Public Education and the Directorship of Public Works of Rio Grande do Sul, as well as various iconographic sources, capital improvement plans and periodicals of the time. The construction of the school inaugurated a new conception of the space and architecture of public elementary schools in the State, as the visible improvement and sanitation of the cities were considered of great importance in the period. The construction of school buildings was also one of the greatest advertising tools of the new Republican political regime.

Keywords: school space; elementary school; school buildings; First Brazilian Republic.

Recibido / Received: 10/04/2016

Aceptado / Accepted: 05/05/2016

1. Introdução

O estudo analisa a construção do Colégio Elementar Fernando Gomes na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, projetado pelo engenheiro Affonso Hébert no ano de 1913 e finalizado em 1922². Localizado em uma das principais ruas do centro da cidade, esteve alinhado aos projetos de melhoramentos urbanos, que incluíam uma série reformas de âmbito sanitário e moral das cidades, entre finais do século XIX e inícios do XX.

O momento histórico da Primeira República no Brasil (1889-1930) é marcado pela discursividade em torno da (re) construção da nação, a partir da formação do cidadão. Neste contexto, a escola tornou-se o principal espaço para a constituição de um novo homem moderno, alinhado ao ideal de ordem, progresso e desenvolvimento da sociedade urbano-industrial. Entretanto, a construção da escola primária como lugar, pensado e projetado para as atividades de ensino/aprendizagem, era algo praticamente inexistente na maioria das cidades brasileiras da época. Sendo assim, a pesquisa problematiza as questões referentes ao espaço e arquitetura escolar de instituições de ensino primário, mais especificamente da necessidade de construção da escola projetada e construída exclusivamente para *ser* uma escola e sua relação com o planejamento e construção visual das cidades.

Na perspectiva da história cultural e da cultura escolar, entendemos que a materialidade pode ser compreendida para além da sua funcionalidade, ou seja, interrogando seus significados e representações simbólicas³. Considera que os

² O colégio funcionou neste local até o ano de 1946, quando o Governo do Estado decreta o estabelecimento no edifício da primeira escola técnica feminina da capital, denominada Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles. Neste momento, a escola primária foi transferida para o Grupo Escolar Paula Soares, localizado na Rua General Auto, anexo ao Palácio do Governo, também centro de Porto Alegre. A escola técnica continua funcionando atualmente neste mesmo local, oferecendo cursos para ambos os sexos. Sobre a Escola Técnica Feminina Senador Ernesto Dornelles, ver Louro (1988), Louro e Meyer (1993), Scholl (2010).

³ Sobre história cultural, ver Burke (2005), Chartier (1990), Dosse (2003) Pesavento (2003), entre outros. Sobre a cultura escolar, ver Chervel (1998), Julia (2001), Viñao (2002), Châtelet (2006). No Brasil, pesquisadores como Faria Filho (2004), Souza (2005), Vidal (2006), Fonseca (2003) entre outros, trazem

espaços escolares são variantes históricas e convivem, harmonicamente ou não, com discursos políticos, econômicos, pedagógicos, religiosos, morais, médicos, entre tantos outros. A existência ou inexistência de determinados espaços específicos, assim como a projeção visual do edifício escolar, implicam significados possíveis de investigação e análise em diferentes tempos e espaços na história.

A construção do espaço escolar não engloba apenas o edifício-escola, mas o seu entorno e sua localização na trama de uma cidade, povoado, região. De acordo com Escolano (1998, p. 28), devemos estar atentos para a sua localização e disposição na trama urbana das cidades e povoados, os quais devem ser examinadas como elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido urbano determinado pode criar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente.

A relação do edifício escolar com o exterior é fundamental para compreendermos a convivência com outras culturas, como por exemplo, a cultura urbana e a cultura rural. O espaço escolar pode organizar-se de forma a propiciar uma abertura para seu exterior ou então com a proposta de manter-se isolado, fechado em relação à sociedade. «A instituição escolar possui um território demarcado, de limites mais ou menos estabelecidos, com diversos graus de porosidade em relação com o meio exterior» (Viñao, 2005, p. 18).

Quando se começa a organizar a escola primária sob tutela do Estado, entre o final do século XIX e início do XX, primeiramente na Europa e Estados Unidos, e mais tardiamente na América Latina, essas discussões tornam-se pontuais no âmbito educacional⁴. O local escolhido na trama urbana e a construção do edifício escolar entram na pauta das discussões políticas, educativas e médicas. A organização da instrução pública depende, entre outros aspectos, de espaços construídos para tal atividade.

reflexões importantes sobre o assunto. Para uma discussão sobre a cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira, ver: Souza e Valdemarin (2005) Faria Filho et al. (2004).

⁴ No âmbito internacional, podemos citar autores que apresentam e discutem de forma aprofundada o tema: Viñao (1993-94, 1996, 1998, 2005); Escolano (1993-94, 1998, 2000), Trilla (1999); Gvirtz e Augustowsky (2002), Silva (2002), Châtelet (1999, 2003, 2006), Burke; Grosvenor, (2008); Braster; Grosvenor; Pozo (2011); Fossati (2014). No Brasil, os estudos que tratam especificamente sobre a temática da arquitetura escolar, na perspectiva histórica, ensaiam um progressivo adentrar nas questões da história da educação. A grande maioria das pesquisas delegam à problemática um papel secundário ou complementar em sua análise, sendo os temas principais os mais variados. De modo geral, os estudos sobre a arquitetura escolar no Brasil são oriundos de pesquisas em educação (seja pelo viés histórico ou não) e arquitetura, dentre eles destacamos: Faria Filho (2000), Baltar (2001); Bencossta (2005); Buffa e Pinto (2002); Wolff (2010). Outros estudos paulistas, como Souza (1998) e Vidal (2006), também abordam a questão da arquitetura escolar, apesar de não ser o foco principal de análise. Analisando o contexto de Porto Alegre, Possamai (2009) trabalha com aspectos da arquitetura escolar como parte da construção visual das instituições educativas, no cenário urbano.

A idealização da escola primária pelos dirigentes republicanos, sua construção monumental em diferentes cidades brasileiras, foi um significativo empreendimento visual no início da República⁵. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, durante o período da Primeira República Brasileira (1889-1930), concretizou alguns poucos casos de prédios escolares, sendo que a grande maioria das aulas continuou funcionando em espaços adaptados, seja através do aluguel ou compra de casas residenciais.

A cidade de Porto Alegre, como sede do governo do Estado, constituía o cenário ideal para a concretização de um projeto modelar de escola primária. Neste contexto, o Colégio Elementar Fernando Gomes foi importante realização estrutural e ideológica do ensino primário público alinhado aos ideais de melhoramentos e saneamento urbano nas primeiras décadas do século XX.

2. A cidade e o espaço escolar

Um repensar a história das cidades nos últimos anos vem se desenvolvendo a partir das problematizações propostas pela história cultural, compreendendo o espaço urbano como um cenário complexo e dinâmico, que constantemente é adaptável e adaptador dos diferentes grupos que o compõe. Portanto, pensar uma história cultural da cidade significa compreender os diferentes fenômenos urbanos convivendo em um mesmo espaço, assim como as relações com as culturas que lhe são contemporâneas, como por exemplo, a cultura escolar.

No Brasil, o final do século XIX é marcado pela necessidade de consolidação do novo regime e a coexistência de grupos sociais distintos, sendo que a manipulação do imaginário social é particularmente importante na redefinição de identidades coletivas⁶. A construção e a expressão deste imaginário estão relacionadas às ideologias e utopias, assim como também por símbolos, ritos, alegorias e mitos (Carvalho, 1990). Os símbolos da modernidade estavam vinculados a uma nova concepção de tempo e espaço social. A construção das estradas de ferro, os projetos

⁵ A organizada por Vidal (2006), realiza um estudo dos grupos escolares no Brasil, desde sua gênese, na última década do século XIX, até sua extinção legal, no ano de 1971. A autora analisa a criação destes estabelecimentos em diferentes Estados: Rio de Janeiro (1897); Maranhão e Paraná (1903); Minas Gerais (1906); Bahia (1908), Rio Grande do Norte, Espírito Santo e Santa Catarina (1908); Mato Grosso (1910); Sergipe (1911); Paraíba (1916) e Piauí (1922). Em relação ao Estado do Rio Grande do Sul, observamos um silêncio, o que tornou necessário, neste capítulo, realizar uma cartografia destas primeiras instituições no trabalho de dissertação de Mestrado. Sobre. Ver Ermel (2011).

⁶ De acordo com Carvalho (1990), os republicanos brasileiros, que tomavam a França como seu modelo, tinham à disposição, portanto, um rico material em que se inspirar. O uso desta simbologia revolucionária era facilitado pela falta de competição por parte da corrente liberal, cujo modelo era os Estados Unidos. Dentre os principais símbolos da França, podemos destacar seu hino, a figura feminina, o barrete frígido, o uso da palavra «cidadão» para referir-se a alguma pessoa ou autoridade e ainda uso das palavras «Saúde e Fraternidade» nos mais diversos tipos de documentos públicos e correspondências pessoais.

de reurbanização das cidades, a formação dos clubes, bares e cafés, possibilitaram a interligação de pessoas e ideias por grande parcela do território nacional. Os grandes centros urbanos, de modo geral, foram os locais onde esse movimento tornou-se mais efetivo⁷.

O Rio Grande do Sul, sob influência filosófico-política, compreendia o Estado como principal mentor dessa organização, designando para diferentes esferas as responsabilidades desta intervenção social. A regeneração vislumbrada compreendia as esferas estruturais, morais, sociais, biológicas e psicológicas. Higiene e saúde, vícios e comportamentos, tudo deveria se alinhar para o progresso da sociedade. A instituição escolar, neste período, é vislumbrada como possuidora de todas as forças necessárias para a constituição do novo homem, o cidadão republicano. Uma formação que garantisse sanidade mental, higiênica, moral para o convívio social.

Construídos nas capitais ou nas cidades de desenvolvimento econômico mais expressivo, estes espaços constituíram o modelo de escola primária, onde o programa de ensino enciclopédico era desenvolvido a partir dos modernos métodos e processos pedagógicos existentes na época (Souza, 1998). Além de aprender a ler, escrever e contar, os alunos seriam instruídos nas noções básicas das ciências físicas e naturais, nas virtudes morais e cívicas, assim como nos hábitos de higiene. Era, portanto, no espaço da escola que se desenvolveria o serviço sanitário, a vacina obrigatória, as normas e urbanidade e civilidade.

A cidade de Porto Alegre foi se constituindo a partir da ponta da península, local onde se concentrou a vida urbana e, na região conhecida como Alto da Praia (Praça da Matriz), se estabeleceram os principais edifícios coletivos. Neste espaço, foi construído em fins do século XVIII, o Palácio da Presidência (demolido em 1896 para a construção do Palácio Piratini); a Casa da Junta, com apenas um pavimento, que ainda permanece no local, ampliada com um segundo pavimento e a Igreja Matriz da Madre de Deus, demolida em 1929 para dar lugar à Catedral Metropolitana (Pesavento, 1999, pp. 24-26).

Ao longo do século XIX, a cidade configurar-se em uma nova ordem urbana. A chegada de imigrantes alemães, na região do Vale do Rio dos Sinos⁸, resultou na abertura de novos caminhos, sendo o principal conhecido como Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria). Entre os anos de 1820 a 1890, Porto Alegre apresenta um crescimento urbano significativo, deixando de ser uma cidade tranquila para ser o maior centro urbano da Província.

⁷ De acordo com Fausto (2001), apesar do desenvolvimento urbano e o aumento significativo do número de pessoas que passaram a viver nas cidades, a população brasileira pode ser caracterizada ao longo da Primeira República como predominantemente agrícola.

⁸ A região recebe esse nome devido ao seu desenvolvimento ao longo do Rio dos Sinos, com aproximadamente 190 km de extensão. Abrange uma série de municípios que atualmente fazem parte da região metropolitana de Porto Alegre.

Com a consolidação de uma vida urbana mais intensa, na segunda metade do século XIX, a cidade torna-se espaço privilegiado para as discussões políticas que também se fazem presentes em outros centros urbanos do país. Começa a receber uma série de melhoramentos significativos, tanto em relação à vida cultural, recreativa e de embelezamento, como as primeiras iniciativas de fornecimento de água para a população,

Constrói-se o Teatro São Pedro (1858), no alto da colina, que com a Casa da Ópera, era a opção da vida noturna em Porto Alegre. Funda-se a Hidráulica Porto-Alegrense (1865) que ofereceu água, nem sempre de boa qualidade, a domicílio ou nos chafarizes em locais públicos. Os largos passam por processo de urbanização, principalmente o da Alfândega e do Arsenal, dos quais se procurava retirar as imundícies que a população ali acumulava, remover a vegetação rasteira e drenar o terreno. Na década de 1860, o Largo do Arsenal transformou-se em Praça da Harmonia com o plantio de árvores e a colocação de bancos de madeira para recreio da população (Monteiro, 1995, p. 31).

Dentro desse contexto, entra em cena uma nova configuração política na Província, com a organização do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)⁹. O aumento das atividades comerciais, a imprensa, os bares, associações e cafés tornam-se lugares de propagação da crítica ao regime monárquico e das discussões em torno da necessidade do fim da escravidão e do estabelecimento de um novo regime.

A capital do Estado, além de ser a sede física do Governo Estadual, era o centro de propagação do imaginário da construção de uma nova ordem econômica, social e cultural. Neste contexto, não faltaram planos, projetos, discussões em torno da necessidade de uma reconfiguração urbana, da construção de uma cidade moderna, organizada, higienizada e bela, sendo que,

Como qualquer manifestação cultural, a engenharia, a arquitetura e o urbanismo contem importantes significados simbólicos, representações sociais profundas que transcendem seu programa técnico-funcional ou suas finalidades socioeconômicas explícitas. O urbanismo moderno constitui um campo específico de representações sociais sobre a cidade, imaginando o futuro coletivo, os sonhos e o projeto de uma sociedade (Alves, 2005, p. 17).

⁹ A hegemonia do Partido Republicano no Estado do Rio Grande do Sul (PRR) foi caracterizada por Bakos (1996) como um *continuismo político*, já que tanto na esfera estadual como municipal, o PRR foi hegemônico, merecendo destaque a indicação que o governo do Estado fazia para a intendência da Capital. Em 40 anos (1897 – 1937), a cidade de Porto Alegre possuiu apenas 3 intendentes, sendo que um deles, José Montauray de Aguiar Leitão, ocupou o cargo por 27 anos, entre 1897 e 1924. Essa característica *continuista* demonstra a centralização do poder, a manipulação dos votos e as estratégias de perpetuação dos ideais positivistas. Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, a exemplo de outros presidentes do Estado, eram determinantes na indicação, permanência e conduta dos intendentes rio-grandenses. Fortemente alinhado à doutrina positivista, o então presidente concentra o poder no executivo, indicando à intendência municipal da Capital os correligionários que melhor demonstrassem identificação com o castilhismo. Assim, garantir-se-ia uma «obediência cega ao líder do Partido e ao Presidente do Estado, as figuras mais representativas do PRR» (Bakos, 1996, p. 45).

O poder público foi um dos principais mentores dessa nova configuração urbana, formando uma equipe de profissionais, principalmente os engenheiros-arquitetos, para a realização e fiscalização das obras públicas. Neste período, também temos muitos investimentos da iniciativa privada na construção civil, que somados às obras públicas, constituíram uma nova visualidade urbana.

Ao lago Guaíba¹⁰ estavam atreladas questões de ordem econômica, higiênica, moral e simbólica. Foi às suas margens que a população da cidade de Porto Alegre instalou-se primeiramente e dela dependiam as relações comerciais de âmbito regional e internacional. O porto da capital vinha desenvolvendo de maneira constante suas atividades comerciais, e ainda, no plano simbólico, constituía a porta de entrada da Capital, o cartão de visitas do Estado.

A Rua Duque de Caxias recebeu o primeiro prédio construído com verbas dos cofres públicos do Governo da Província para abrigar uma instituição de ensino, que começou a ser construído em 1847, esquina com a Rua de Bragança, atual Marechal Floriano (Schneider, 1998). Denominado Liceu D. Afonso, foi a primeira escola pública de instrução secundária na província. Extinta no ano de 1871, foi substituída pelo Ateneu Rio-Grandense, que também é extinto em 1873¹¹. É também nesta Rua que se estabelece a Escola Normal, anexa ao Liceu, assim como algumas importantes escolas particulares do centro, como por exemplo, o Colégio Sevigné, o Colégio Anchieta¹² e o Colégio Fernando Gomes¹³.

A tarefa de colocar em prática os planos e projetos, para reforma da cidade, faz com que o Governo Estadual, entre o final do século XIX e início do XX, despenda uma série de investimentos em verbas e em pessoal qualificado para a execução de obras. Os espaços públicos idealizados e, em alguns casos, concretamente reformulados, representam os discursos de um tempo que primava pela construção de uma sociedade a partir de uma reconfiguração espacial e moral.

A organização do cenário urbano compreendia uma série de construções e reformas, englobando a criação e o alargamento de ruas e avenidas, a extinção de becos, a construção e reforma de prédios, praças e ainda áreas de parques. Após uma fase conturbada de instabilidade política e a prematura morte do presidente

¹⁰ O lago constitui o principal manancial de abastecimento de água da cidade de Porto Alegre, com quase 500 km² de área, desde a ponta da Usina do Gasômetro, no centro de Porto Alegre, até encontrar a Laguna dos Patos.

¹¹ No ano de 1860, a Assembleia Legislativa Provincial autorizava a Presidência da Província a estabelecer na capital uma Escola Normal de Instrução Primária, anexa ao Liceu D. Afonso, que começa a funcionar em 1º de maio de 1869. Sobre Liceu D. Afonso, ver Arriada (2007) e sobre Escola Normal ver Louro (1988).

¹² Sobre, ver Memória Anchieta (2005).

¹³ Escola privada, do século XIX, que funcionava sob responsabilidade do professor Fernando Gomes, que posteriormente será homenageado pelo Governo do Estado na nomenclatura do Colégio Elementar em estudo. Sobre, ver Ribeiro (2007).

do Estado, Julio de Castilhos, em 1903, os planos e discussões em torno da necessidade de construção da cidade começam a ser postos em prática.

A necessidade de um setor do Governo que coordenasse os trabalhos de construção e reforma se desenvolveu a partir da organização da Diretoria de Obras Públicas, órgão que fazia parte da Secretaria de Negócios do Interior do Governo do Estado. Em dezembro de 1889, temos a organização desta Diretoria, sendo no ano seguinte nomeada sua primeira equipe de trabalho.

A importância dos projetos de reformulação da cidade de Porto Alegre, no início do século XX, pode ser representada pela Planta da cidade de Porto Alegre, de 1906. A zona central da capital aparece ao centro e ao seu redor as edificações consideradas de maior prestígio na época. O desenho foi realizado por Attilio Trebbi, sendo destacadas as obras mais grandiosas existentes ou em fase de projeto na Capital: Escola Militar, Palácio do Governo, Banco da Província, Igreja Nossa Senhora das Dores, Intendência Municipal, Atheneu Rio-Grandense, Hospício São Pedro, Escola de Engenharia, Thesouro do Estado, Palácio dos Chaves e monumento a Julio de Castilhos¹⁴.



Imagem 1: Planta da cidade de Porto Alegre. Capital do Estado do Rio Grande do Sul, 1906. (Fonte: www.prati.com.br)

¹⁴ Em relação às instituições educativas presentes no desenho, a Escola de Engenharia e a Escola Militar constituem marcos arquitetônicos importantes para a cidade de Porto Alegre até hoje. Para a Escola Militar, ver Medeiros (1992); o Ateneu-Riograndense, ver Arriada (2007), a Escola de Engenharia, ver Hassen (1996).

O período compreendido entre 1910 e 1914 foi caracterizado pela proliferação de obras públicas e privadas. Dorbenstein (1992) denomina este momento de *quadriênio glorioso*, destacando que não apenas o Estado, mas também a iniciativa privada investe de maneira massiva nas edificações particulares e comerciais. Em 1914, o Plano Geral de Melhoramentos da Capital, elaborado pelo poder municipal e de autoria do arquiteto Moreira Maciel, foi o primeiro a englobar uma reforma de âmbito geral, que visava o alargamento de ruas, a extinção de becos, o aterro de zonas nas margens do Guaíba, a construção de praças e áreas arborizadas. De acordo com Alves (2005), este plano,

buscou conferir uma nova imagem à Capital, coordenando diversos projetos para a reformulação da zona central, como a abertura de ruas e avenidas e a criação de praças ajardinadas. Apesar de ser bastante realista, a maior parte de suas ideias só saiu do papel nas administrações seguintes (p. 76).

Defendendo o desenvolvimento a partir da conservação, a proposta do governo do Estado foi sintetizada no *slogan* «melhorar conservando», sendo que este seria considerado o momento de buscar soluções novas para os velhos problemas. Alinhado à doutrina positivista, que propunha a ordem e o desenvolvimento pela via conservadora, negava qualquer tipo de manifestação revolucionária. Sua proposta central estava na ideia de sanear, higienizar e embelezar a Capital do Estado,

O prolongamento do cais contratado e que chega até o alinhamento da Rua General Bento Martins se impõe, para desta forma contornar a cidade, praticando uma larga e nova avenida entre a parte litiforme atual e o rio, o que representa facilidade para o trânsito, beleza para a cidade, higienizando ao mesmo tempo as margens atuais do Guaíba¹⁵.

A zona da cidade onde foi construído o Colégio Elementar Fernando Gomes era uma das primeiras áreas habitadas pela chegada dos colonizadores portugueses e, posteriormente serviu de pórtico de entrada e permanência para imigrantes europeus em grande escala. A «ponta da península» esteve diretamente vinculada à proteção da cidade, onde se localizava, no século XIX, o Arsenal da Marinha e de Guerra e ainda o Depósito de Pólvora. A presença destes estabelecimentos militares, de caráter estritamente masculino, demarcava um espaço de propagação de bebidas, prostituição e jogos. Ainda, a área era composta por vários becos, que se entrelaçavam pelas primeiras ruas abertas para o processo de colonização. Esses elementos, que compunham a vida social dos mais diversos centros urbanos,

¹⁵ Intendência Municipal de Porto Alegre. Relatório do Projeto de Melhoramentos e orçamentos apresentados ao Intendente Municipal Dr. José Montaury de Aguiar Leitão pelo então Eng. Arquiteto João Moreira Maciel da Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da Capital. 1914. Porto Alegre. Oficinas Gráficas da Livraria do Comércio. 1914. (Fonte: Arquivo de Porto Alegre Moyses Velhinho).

estavam sendo arduamente criticados pelas novas propostas de planejamento urbano físico e moral.

O Plano Geral de Melhoramentos, de 1914, planejava uma reconfiguração daquela região, principalmente pela projeção de áreas verdes e o alargamento das ruas. A presença de um colégio de instrução primária marcaria um ponto fundamental de regeneração social, sendo a infância escolarizada vislumbrada como a construção do homem moderno, longe dos antigos hábitos e vícios que marcavam a vida dos centros urbanos. A partir do *slogan* sanear, higienizar e embelezar, o espaço urbano e as instituições ali presentes representariam a nova configuração e ordem social, onde o espaço físico e comportamentos sociais estariam alinhados a uma modernidade civilizatória rumo ao progresso, de acordo com os pressupostos republicanos da época.

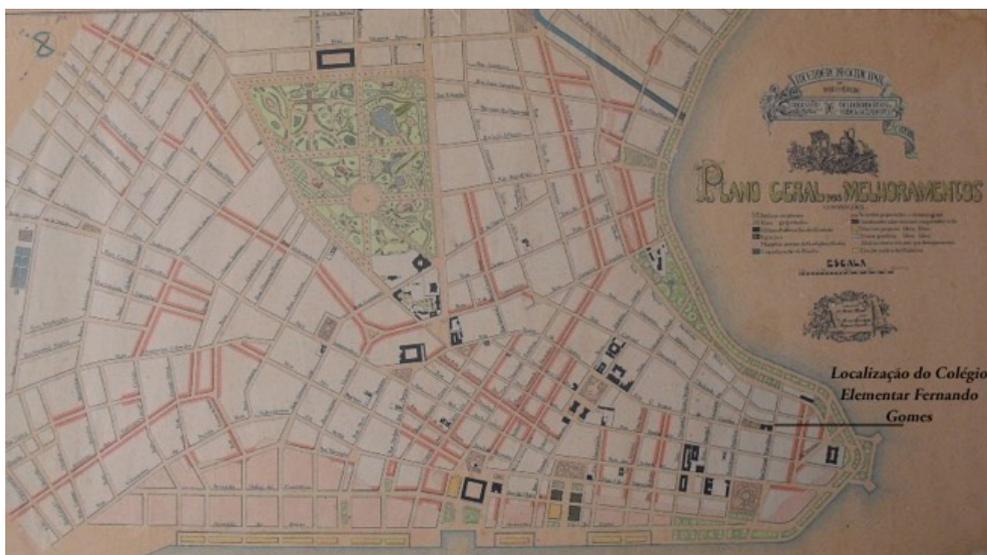


Imagem 2: Plano Geral de Melhoramentos - 1914. Intendência Municipal de Porto Alegre. (Fonte: Arquivo de Porto Alegre Moyses Velinho)

Um dos principais personagens deste contexto de obras públicas, o engenheiro Affonso Hébert, esteve durante 46 anos desenvolvendo atividades no Governo do Estado¹⁶. Foi responsável por diversos projetos e pela fiscalização de obras e reformas estratégicas para a reconfiguração urbana da Capital do Estado. Dentre os projetos elaborados por ele, está o do Colégio Elementar Fernando Gomes, um dos últimos trabalhos antes de sua aposentadoria, em 1922.

¹⁶ Sobre a trajetória de Affonso Hébert, ver Dienfenbach (2008).

3. A construção visual do Colégio Elementar Fernando Gomes

O caso do Colégio Elementar Fernando Gomes apresenta-se como modelo para o Governo do Estado, já que sua construção se deu a partir dos processos considerados ideais para a instalação de uma aula de instrução primária: a aquisição do terreno, elaboração do projeto e a finalização do edifício. Sua arquitetura monumental, numa região central da Capital do Estado, fez com que o colégio se tornasse a «menina dos olhos» dos dirigentes republicanos, sendo sua fiscalização constante pela Diretoria de Obras Públicas.

O terreno foi adquirido pelo Estado em 1907, em uma área delimitada entre as Ruas Duque de Caxias, frente; Coronel Fernando Machado, fundos; General Portinho e General Vasco Alves, laterais, região conhecida no centro de Porto Alegre como Alto da Bronze¹⁷,

[O Governo do Estado] fez a aquisição de excelente terreno na Praça General Osório para construção de um ou dois prédios capazes de comportar a população escolar do antigo 3º Distrito, aí funcionando as seis escolas da zona com número de 800 crianças. É de inteira conveniência para a higiene e mesmo disciplina escolar progredirmos nessa senda, construindo prédios para escolas, pelo menos nas cidades principais (Relatório de Instrução Pública do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1908, p. 10).

Em relação à escolha do terreno para construir escolas, era recorrente a preocupação com um ambiente afastado das fábricas, hospitais, da poluição e da circulação de carros. O ambiente ideal deveria ser devidamente iluminado, com uma boa circulação de ar puro, o que impediria a propagação de enfermidades. Ainda, a localização da escola no cenário urbano estava vinculada às questões morais, não sendo recomendada a instalação de edificações escolares próximas a bares, casas noturnas ou mesmo em zonas de muita aglomeração de pessoas.

No segundo semestre de 1913, o projeto do Colégio Elementar foi desenvolvido por Affonso Hébert, ficando sua obra sob responsabilidade da Secretaria de Obras Públicas do Estado¹⁸. O prédio foi projetado com dois pavimentos e porão, sendo que o terreno se localiza em uma zona acidentada da Rua Duque de Caxias, marcada por um longo trecho de descida em direção as margens do lago Guaíba. A utilização de porões nos projetos das

¹⁷ De acordo com Walter Spalding, «o nome Alto da Bronze lhe adveio de uma preta bronzeada muito desbocada que ali vivia», sendo incorporado pelos moradores da região. Fonte: *Jornal Correio do Povo*. Revivendo o Passado, 1967. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho.

¹⁸ Em junho de 1914, o governo suspendeu as obras, assim como as demais obras da Secretaria de Obras Públicas, em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Ficaram paralisadas por 19 meses, sendo recomeçadas em dezembro de 1915.

construções escolares, no início do século XX, possibilitava a implantação do edifício em situações topográficas diversas (Buffa e Pinto, 2002, pp. 34-35). O prédio foi projetado em forma de «U» invertido, que compreende uma pequena área ao ar livre de acesso ao prédio, entre o portão e a porta principal.

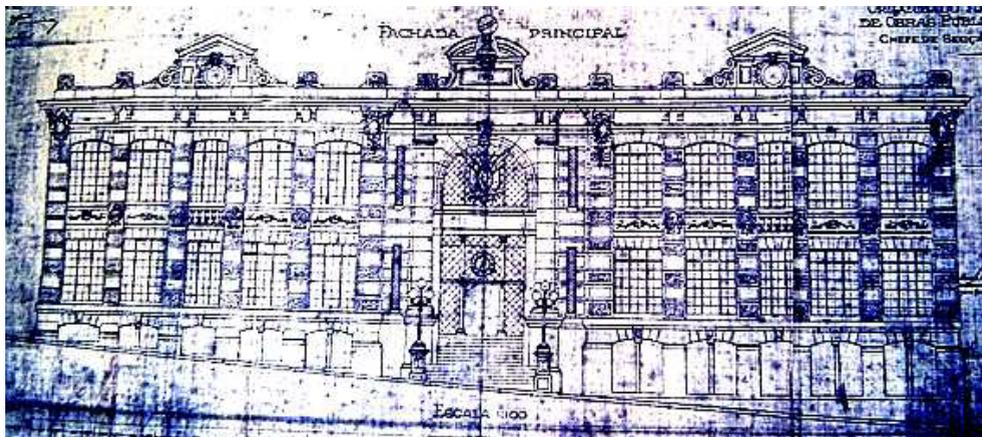


Imagem 3: Projeto da Fachada principal - 1913. (Fonte: Mapoteca da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul)

Constatado o adiantamento das obras, em 1916 é destacado pelo secretário interino dos Negócios das Obras Públicas, Protásio Alves, as vantagens estéticas da edificação para a cidade de Porto Alegre, «que além do seu útil fim, dá a cidade melhor aspecto, sobretudo vista do Guaíba» (Relatório de Obras Públicas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1916, p. 28). No ano seguinte são descritos os diferentes processos de construção do colégio, a finalização do piso, a escadaria, os revestimentos das paredes, fachadas e é destacada a qualidade do trabalho e do material empregado na obra,

Todos os pisos, dos diversos pavimentos, estão prontos para receberem o linoleum ou qualquer outro revestimento que se lhes queira dar. As escadarias externas estão prontas e executadas com muita precisão e bom material. Os revestimentos das paredes internas também estão concluídos. A fachada está sendo revestida, já se achando prontificado um terço de sua superfície (Relatório de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, 1917, p. 19).

A instalação dos banheiros é descrita com entusiasmo, «o serviço sanitário, que se acha estabelecido nas melhores condições higiênicas, tendo cada pavimento suas instalações respectivas» (Relatório de Obras Públicas

do Estado do Rio Grande do Sul, 1919, p. 8). A presença de sanitários no interior do edifício, e ainda, em todos os andares, era um avanço nas questões organizativas e higiênicas para um espaço escolar projetado no início do século XX.

Em março de 1920 foram iniciadas as aulas no prédio e, ao longo deste ano, realizados reparos de revestimento de piso, com linoleum¹⁹; a substituição dos vidros quebrados; o revestimento do teto com lona, para evitar a propagação do barulho; adaptações da fachada leste para abrigar a moradia do porteiro e a construção de escadas de madeira entre o porão e o primeiro pavimento. Neste contexto, também foi realizada a terraplanagem de um terreno fronteiro, adquirido pelo Governo do Estado para utilização do colégio. Como o edifício possuía apenas um pequeno espaço ao ar livre, na entrada do colégio, ausência de pátio criava um problema para as atividades ao ar livre e recreios, necessitando um espaço próximo para o menor deslocamento dos alunos.

Em 1921 foi contratada a «Casa Lux» para a instalação elétrica na ala esquerda do prédio assim como nos porões. No ano seguinte, foram instaladas duas estátuas em ferro bronzeado no pórtico principal, importadas da França. Também foi assentada a decoração em mosaico que compõe o frontão principal, finalizando a implementação dos elementos que compõe a fachada principal. No ano simbólico da comemoração do centenário da Independência, em 1922, o Colégio Elementar fez parte do conjunto de edificações exemplares que o Governo do Estado julgou pertinente registrar em seu álbum comemorativo²⁰. Durante nove anos de construção, o prédio marcou presença ao lado das principais obras empreendidas pelo Estado, como o Palácio do Governo e a Biblioteca Pública.

¹⁹ Linoleum, em português linóleo, é um tecido impermeável que se obtém juntando, em aglomerado, a um suporte de juta ou aniagem, porções solidificadas de óleo de linhaça, resina, cortiça em pó e, usualmente, pigmentos; oleado. (Houaiss, 2001, p. 1766).

²⁰ Outras instituições de ensino também estão presentes no álbum do centenário da Independência, como a Escola Complementar e o Colégio Souza Lobo. Obras Públicas: Centenário da Independência. Porto Alegre: Oficinas Graphics d' A Federação, 1922.



Imagem 4: Collégio Elementar Fernando Gomes - 1922. ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. [Secretaria de Obras Públicas]. *Obras públicas: centenário da Independência*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas d'A Federação, 1922

O edifício chama atenção até os dias de hoje por sua monumentalidade, que consiste em uma das principais marcas de sua construção. Ocupa um quarteirão, com uma composição em blocos que formam linhas verticais, «com imitações de pedras de tamanho descomuns no tratamento da argamassa», faz com que o edifício pareça ainda mais alongado, ampliando a noção de grandiosidade (Weimer, 2003, p. 218). Sua disposição simétrica compreende uma entrada principal e duas portas laterais, que dão acesso ao porão. A parte frontal está dividida em duas partes, pela entrada principal e, cada lateral, possui 5 janelas por pavimento e no porão, totalizando 15 aberturas de cada lado. As laterais, tanto para a Praça General Osório como para a Rua Vasco Alves, possuem 4 janelas em cada pavimento e no porão, totalizando 12. Nos fundos do edifício há 38 janelas, incluindo o porão, e mais uma porta. A soma do número de aberturas que possui o prédio chegamos ao total de 4 portas e 92 janelas.

As janelas, em madeira, possuem uma grande área em vidro, o que possibilita a entrada abundante de luz e ar. A ventilação dos prédios escolares

estava diretamente vinculada aos cuidados com a propagação de doenças, já que as situações epidêmicas eram frequentes nos espaços escolares. A porta principal, também composta por vidro, tem sua estrutura principal em ferro.

Um dos aspectos mais significativos do prédio é o pórtico de entrada, constituído por duas gigantescas colunas com mais de treze metros de altura, uma escadaria que dá acesso à porta principal, duas estátuas em ferro bronzeado e ainda um mosaico composto por figuras femininas, livros, globo, lira e as inscrições «ciências» e «artes». Nas denominadas «escolas-palácio», a fachada se tornava ponto de concentração simbólica e institucional, apelando à utilização de elementos pertencentes às ordens clássicas. O edifício escolar, visto como objeto material e como provocador de condutas e resultados dos alunos apresentava-se como um jogo de caráter e destino, baseado em princípios higiênicos, pedagógicos e a afirmação do caráter da escola pública a partir de uma linguagem arquitetônica (Schmidt, 2000).

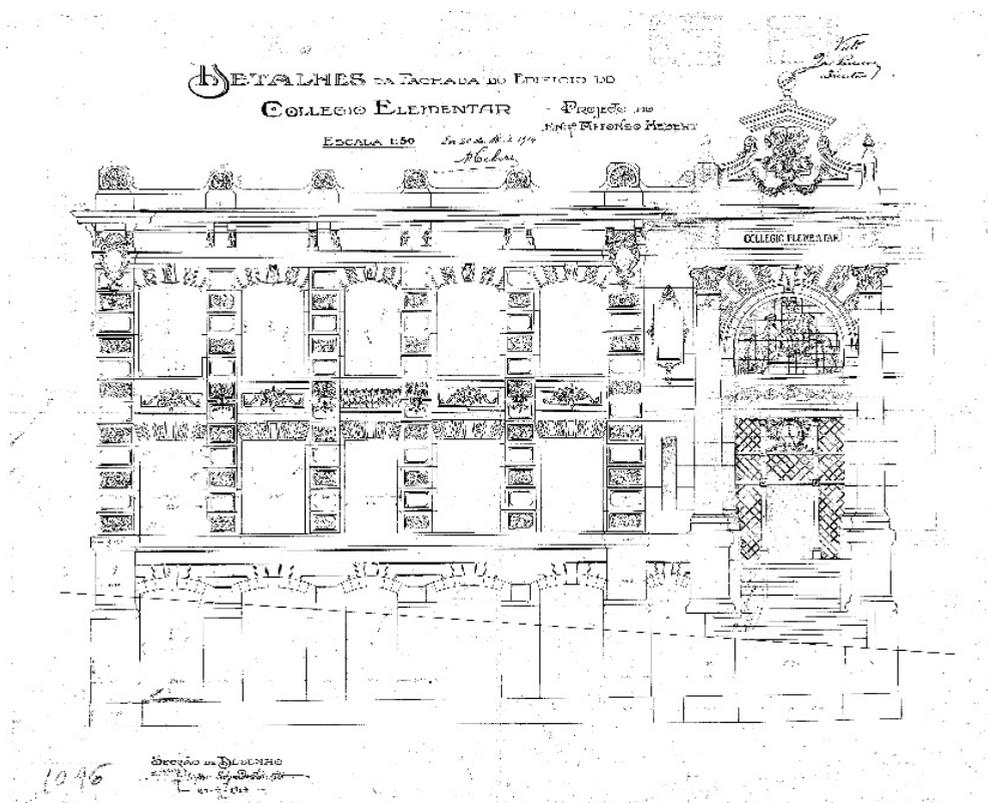


Imagem 5: Detalhes da Fachada do Edifício do Colégio Elementar (1914). (Fonte: Mapoteca da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul)

Em conformidade com outros projetos executados pelo engenheiro Affonso Hébert, o prédio do Colégio Elementar Fernando Gomes possui uma arquitetura eclética, predominando o estilo neoclássico. De acordo com Weimer (2003, p. 48) o conceito de ecletismo tem sua origem na filosofia, e indica «um método que não segue um sistema específico, mas utiliza partes provenientes de sistemas diversos, que são justapostos segundo o que for julgado como sendo melhor ou mais conveniente». Ainda, salienta que a vinculação com os modelos extraídos do passado, sendo o neoclássico apenas um exemplo, não eram, em sua maioria, materiais, ou seja, dificilmente os arquitetos, projetistas ou escultores haviam realizado algum contato real com o mundo greco-romano. Essa relação com o passado apresentava-se de maneira platônica, sendo o caso do Brasil, assim como demais países latinos americanos, possuía ainda como entreposto a experiência dos projetos europeus²¹.

No Brasil, de um modo geral, o ecletismo pode ser compreendido além de uma reinterpretação do passado, mas significou o contato com uma cultura internacional. Não pode ser simplificado como uma imitação do passado, já que incorporou e mesclou referências formais de diferentes períodos históricos, sofrendo influências das mais variadas culturas e formas. Também podemos salientar a anexação de elementos inéditos decorrentes da industrialização e das transformações tecnológicas. Portanto, a releitura dos elementos estilísticos do passado, que além das concepções de simples cópia, estão imbuídos em um processo de criação, ultrapassam regras e limites prévios (Bello, 1997, p. 30).

Comparando o primeiro projeto da fachada, realizado no ano de 1913, constatamos que é bastante similar à construção efetivamente realizada. A presença do relógio merece algumas considerações recorrentes nas construções escolares do período. A posição de destaque, no pórtico de entrada, pode sugerir a proposta de uma nova ordenação do tempo da infância. De acordo com Escolano (2000), os relógios presentes na escola primária espanhola, em fins do século XIX e início do século XX, marcam o controle e a disciplina dos tempos e espaços sociais e a escola seria a principal difusora desta nova ordem. Presentes nas salas de aula, nas cartilhas ou expostos nas paredes externas ou internas do edifício escolar, os relógios constituíam um símbolo da modernidade. O controle do homem, a partir do auxílio de uma máquina, sobre o tempo natural. Numa

²¹ De modo geral, o ecletismo acolheu os mais variados elementos lexicais, extraindo-os de todas as épocas e regiões, sendo recompostos de diferentes maneiras, de acordo com princípios ideológicos. Dentre as variadas reinterpretações arquitetônicas históricas realizadas, entre o século XIX e início do século XX, o classicismo pesado do coríntio romano foi apropriado para os solenes edifícios dos ministérios, museus, assim como nas construções escolares (Patetta, 1987, p. 14). Segundo Possamai (2009, p. 158), «a opção formal e estética para essas edificações era o ecletismo, também denominado de neoclássico, no qual diferentes elementos que predominavam em diversos estilos arquitetônicos da Europa são justapostos e colocados, sobretudo, na fachada principal que recebia frontões, cornijas e colunas».

sociedade onde os instintos e a desordem deveriam ser banidos, o relógio tornou-se um controlador barato e eficiente, que determinava o ingresso e a saída da escola, as refeições, a hora de ir ao banheiro, de brincar, enfim, tudo ritmado pela «exatidão» dos ponteiros²².

A ordem dos elementos que efetivamente foram concretizados na fachada principal do prédio compreendem, de cima para baixo, o globo, o brasão símbolo do Estado e o mosaico. Ainda, como parte do conjunto do pórtico de entrada do edifício, uma suntuosa escadaria, a presença de duas estátuas de crianças em ferro bronzeado, que em conjunto com os demais elementos decorativos da arquitetura mostram a riqueza de detalhes, sendo os acabamentos em gesso uma marca de sua construção.

O brasão, símbolo da bandeira rio-grandense, é alterado na disposição espacial, concretizada na construção final entre o globo e o mosaico, sendo este último introduzido no local onde originalmente estava o símbolo do Estado. A representação do poder estatal está centralizada, num local de destaque, o que sugere a presentificação de um Estado como um grande mentor do progresso e do desenvolvimento da nação. A visualidade do prédio, da perspectiva de quem o avistava do Guaíba, identificava a quem pertencia o edifício monumental²³.

A representação do globo, no primeiro projeto de 1913, assim como efetivado na construção, está localizado acima de todos os elementos que compõem a fachada, permanecendo em posição de grande visibilidade no edifício. Outra representação do globo aparece em destaque no mosaico que compõe o pórtico de entrada.

No mosaico efetivamente finalizado na construção, temos a representação da luz, que pode ser interpretada como o conhecimento, conduzida em forma de tocha por uma representação masculina, com asas de anjo, irradiando raios luminosos por toda a composição livre. Uma representação feminina, com um livro em uma das mãos e apoiada em uma lira com a outra, olha diretamente para a figura masculina que conduz a tocha de fogo. Uma das imagens femininas apoia um dos braços no globo, com olhar de contemplação, que pode sugerir a sabedoria debruçada sobre a humanidade. Ainda traz, em primeiro plano, na capa de um livro, a inscrição «scientiae», em latim. Este seria o livro da ciência, considerada o principal motor do desenvolvimento e do progresso idealizado pelos positivistas. Em uma posição com menos destaque, em tom branco/cinza, a palavra «artes» está representada abaixo da mulher que segura outro livro e a lira.

²² No desenho realizado em 1914 do detalhe da fachada principal temos a permanência do relógio, em meio aos vidros que compõem a porta principal. Quando finalizada a obra, o relógio desaparece da fachada, permanecendo no local onde seria colocado apenas uma área circular em vidro e ferro, fazendo parte do conjunto da porta principal. Infelizmente, não temos mais informações sobre o motivo pelo qual o relógio não se fez presente da construção.

²³ O prédio atualmente não comporta mais em sua entrada o símbolo do Estado do Rio Grande do Sul.



Imagem 6: Mosaico do pórtico de entrada do colégio. (Fonte: acervo particular, 2010)

No o detalhe da fachada principal, elaborado em 1914, aparecem dispostas uma representação masculina e duas representações femininas, em forma piramidal. O espaço também engloba uma paleta para pintura e livros. Já na composição final, apesar de permanecer uma imagem masculina, duas imagens femininas e um livro, são introduzidos uma tocha, um globo, uma lira e palavras «ciências e artes» que diferenciam e tornam mais elucidativo o significado da composição.

A configuração do mosaico acompanha a predominância do estilo arquitetônico neoclássico do prédio, com as representações humanas vestidas com trajes greco-romanos. Ainda, a representação da lira, um instrumento musical de larga difusão na Antiguidade, complementa a ornamentação que, a partir de uma junção das ciências com as artes, desenvolveria uma educação primária de caráter integral, conduzida por um Estado forte para o progresso da sociedade.

Os aspectos externos que compõem o prédio do colégio demarcam uma instituição de ensino alinhada às indicações da pedagogia moderna e aos princípios higienistas. A construção simbólica em torno de uma escola de formação integral deveria contemplar um conhecimento universal que somente

poderia ser alcançado pela via escolar. Adentrar e permanecer neste espaço, construído e mantido pelo Estado, simboliza a materialização e a transmissão da ideologia de um poder centralizador, marcado pela presença preponderante do Partido Republicano Rio-Grandense.

Sua visibilidade era um aspecto fundamental, onde a edificação e sua arquitetura, de características afinadas com o gosto da época, constituem-se nos referentes icônicos privilegiados para a construção de uma visibilidade desejada, na qual a educação é sintetizada na representação da escola-monumento (Possamai, 2009, p. 162). A Diretoria de Instrução Pública, no ano de 1927, declarava a importância do edifício do Colégio Fernando Gomes para o Governo, sendo de «propriedade do Estado e o mais confortável de todos» (Relatório de Instrução Pública do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1927, p. 46).

O empreendimento visual que o Governo do Estado despendeu na construção do Colégio Elementar Fernando Gomes pode ser visto pela sua presença dentre os principais edifícios públicos e obras realizadas pelo Governo do Estado. Registrado pela fotografia, o colégio está presente nos álbuns comemorativos, sendo eles o Álbum do Centenário da Independência – 1922, assim como no álbum de comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha – 1935. Ainda, é representado em outro álbum da cidade, Porto Alegre Álbum - 1931, ao lado de outro edifício, o hospital alemão²⁴.

Nas três fotografias que conhecemos sobre o edifício do colégio Fernando Gomes, presentes em álbuns, é destacada a monumentalidade do prédio. No registro realizado em 1922, ano de finalização das obras, a vista é frontal, merecendo destaque os elementos que compõe a fachada principal. Já nos outros registros, de 1931 e 1935, a grandiosidade do prédio é apontada pela vista lateral, tornando possível a compreensão da dimensão do prédio ao longo da Rua Duque de Caxias.

²⁴ O Álbum Porto Alegre, segue a mesma ideia dos álbuns de fotos lançados na cidade (Ferrari, Calegari, Centenário da Independência, Recordações de Porto Alegre), tendo como objetivo divulgar a capital Rio-grandense. No caso deste, é um projeto particular, desenvolvido por Pedro Carvalho, que não encontra sequer uma vinculação de caráter comemorativo, como *Recordações de Porto Alegre*, que está vinculado ao centenário da Revolução Farroupilha e foi publicado pela Livraria do Globo; e o álbum lançado durante as comemorações do centenário de independência do Brasil, pela Secretaria de Obras Públicas. No Álbum *Porto Alegre* tem fotos dos pontos principais da cidade: igrejas, quartéis, prédios do governo municipal e estadual, cais, ruas, casas particulares e imagens dos prefeitos Alberto Bins (junto com a foto da Intendência Municipal) e Otávio Rocha (junto a uma imagem do pôr-do-sol, com a frase: «benemérito iniciador das obras de remodelação de Porto Alegre»). A intenção é mostrar que Porto Alegre e, nas palavras do autor no texto introdutório, «uma cidade moderna, higiênica e de encantadora apresentação panorâmica» (Carvalho, 1931).

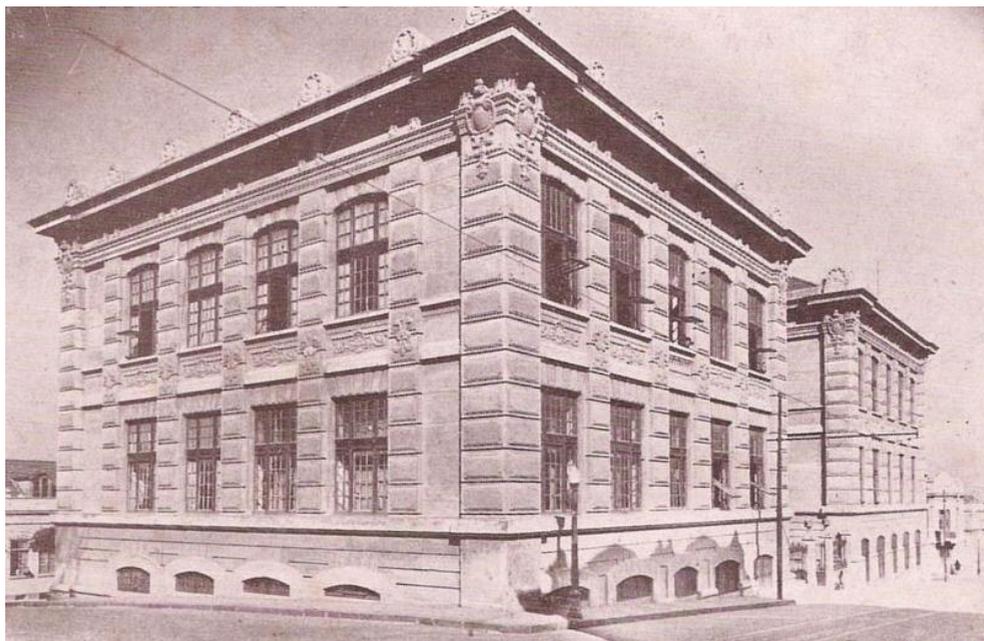


Imagem 7: Colégio Fernando Gomes – 1935. *Recordações de Porto Alegre*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935, p. 28. (Fonte: acervo particular)

Outra representação do edifício está presente em um quadro de formatura, da turma de 1931. A composição traz os retratos de 31 alunos e 4 professores, dois homens e duas mulheres. Dentre os homens, um provavelmente o diretor, em posição centralizada e em destaque. O quadro traz a imagem do prédio do colégio, tendo como complemento alguns desenhos, em destaque novamente o globo, presente na fachada e no mosaico que compõe o pórtico de entrada²⁵.

O espaço escolar também servia de local privilegiado para a promoção de festas cívicas, comemorações de datas que possuíam valor simbólico importante para os dirigentes republicanos, como a Independência do Brasil e, principalmente, a Proclamação da República. Sobre os festejos promovidos pelo Centro Republicano Julio de Castilhos, em 15 de novembro de 1921,

Ontem, no Colégio Fernando Gomes, após o encerramento das aulas comemorou-se a data que hoje transcorre. Entre salva de palmas executou-se este programa, que muito agradou:

O Brasil e os Estados – pelos alunos – Emery Silva, Altino dos Santos, Paulo Soares, Célia Bertolotti, Zoraide Atinelli, Emiliano Cunha, Thereza Benora, Irene Castro, Philomena Grimaldi, Maria Morgante, Maria das Dores Almeida, Edgar Serra, Petrolina dos Santos, Ary Porto, Carlos Pandolfo, Carlinda Silva, Thilda Fontoura,

²⁵ Sobre quadros de formatura, ver Werle (2005).

Presciliane Fontoura, Paulo Cunha, Julieta Dagani e Esther Ramires; Minha Terra – pela aluna Emery Silva, Salve Republica Brasileira – pelo aluno Roberto de Almeida; Deodoro da Fonseca – pelas alunas – Helenita Py, Talitha Muller, Maria Maisonnave e Heleusa Mattos; A Liberdade – pela aluna Yolanda Rocha; hinos: 15 de Novembro e Nacional, pelos alunos (*Correio do Povo*, 15 de novembro de 1921, p. 3).

Neste mesmo ano, a festa comemorativa da Independência do Brasil é destacada pelo jornal *Correio do Povo* como «a festa cívica do Fernando Gomes deixou a melhor impressão a todos que dela participaram» (*Correio do Povo*, 07 de setembro de 1921, p. 3). O periódico, ainda descreve a reunião de professores e alunos em um dos seus salões do colégio, na execução do programa estabelecido, como hinos, poemas e poesias proferidos por alunos e professores.

4. Considerações finais

Ao analisar os processos de transformação do cenário urbano, nos deparamos com a complexidade entre o material e o simbólico, entre o pensado e o construído, a seleção entre o que se conserva e o que se exclui na formação das cidades. Sendo assim, pensar, discutir, projetar, construir e finalizar uma obra de construção ou reforma compreende momentos distintos que não seguem uma linearidade nem uma lógica. A construção discursiva dos projetos de reformas urbanas possui significados simbólicos que estão além da materialidade construída.

As discussões em torno da construção de prédios para as escolas primárias, entre final do século XIX e início do XX, estavam relacionadas às propostas de renovação pedagógica, disciplina, organização, higiene e estética. A escola pública republicana representava o centro formador do novo cidadão, que além da aprendizagem dos conteúdos, deveria transmitir sentimentos de amor à pátria, formação moral e cívica e, os princípios de higiene e cuidados com a saúde.

O Colégio Elementar Fernando Gomes foi construído em um momento de proliferação dos discursos em torno da inadequação dos espaços adaptados para abrigar uma escola e conseqüentemente da necessidade de construção de prédios escolares pelo Estado. Esse espaço escolar idealizado esteve alinhado com a reconfiguração da cidade de Porto Alegre, durante seu processo de saneamento, higienização e embelezamento. A localização na Rua Duque de Caxias, uma das principais do centro da cidade, representa o destaque da escola primária na construção de uma visualidade urbana. A Rua, que abrigava a sede do Governo do Estado e a Igreja Matriz, era frequentada pelos estudantes do Liceu, da Escola Normal e de escolas particulares, era também moradia de famílias abastadas.

Como símbolo do poder público estadual, o Colégio, em conjunto com as demais construções realizadas pelo Estado, fazia parte de um empreendimento de reconfiguração de uma das áreas mais antigas de ocupação da cidade. Sua arquitetura seguiu os padrões dos outros prédios públicos construídos no mesmo período, tendo como principais características a monumentalidade e o ecletismo. Em contraponto, a escolha pelo local não correspondeu aos requisitos para a instalação de uma escola, já que o terreno estava próximo da Casa de Correção, um dos principais espaços opostos à construção de uma escola. Entretanto, a busca pela revitalização de uma das zonas mais antigas de ocupação da cidade, e ainda, a construção visual de uma região considerada o «cartão de visitas» do Estado, podem ser entendidos como justificativas desta escolha.

A escrita sobre os espaços escolares constitui um tema fundamental para reflexões em torno da memória e do patrimônio da educação, englobando o passado, presente e futuro de muitas instituições. Muitos deles, construídos há mais de um século, passam constantemente por adaptações e seguem suas atividades escolares em diferentes cidades brasileiras. Algumas histórias e memórias que circularam por esses lugares as vezes se perdem, outras se conversam, como todo o processo de construção histórica.

5. Referências

- Alves, A. (2005). *A construção do porto de Porto Alegre 1895 – 1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de Estado*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional). Faculdade de Arquitetura UFRGS, Porto Alegre.
- Arriada, E. (2007). *A educação secundária na província de São Pedro do Rio Grande do sul: a desoficialização do ensino público*. (Tese doutorado em Educação PUCRS). Porto Alegre.
- Bakos, M. M. (1996). *Porto Alegre e seus eternos intendentess*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Coleção História 11.
- Baltar, F. M^a T. dos Reis. (2001). Arquitetura de escolas no século XIX. Primeiras escolas construídas no Brasil. *Revista História da Educação. ASPHE*, 5(10), 53-84.
- Bello, H. E. (1997). *O ecletismo e a imagem da cidade: caso Porto Alegre*. (Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional - UFRGS). Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre.
- Bencostta, M. L. A. (2005). Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In Bencostta, M. L. A. (Org.), *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar*. São Paulo: Cortez.

- Buffa, E., & Pinto, G. de A. (2002). *Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971*. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP.
- Burke, P. (2005). *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Burke, C., & Grosvenor, I. (2008). *School*. Reaktion Books Ltd.
- Braster, S., Grosvenor, I., Pozo, & M^a del M. (Eds.). (2011). *The Black Box of Schooling. A Cultural History of the Classroom*. Ed. P.I.E. Peter Lang S. A. Germany.
- Carvalho, J. M. de. (1990). *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Châtelet, A-M. (1999). *Les Écoles primaires à Paris, 1870-1914: définition et élaboration d'un équipement*. (Thèse d'histoire de l'art sous la dir. de François Loyer). Université de Strasbourg II, 3 vol., 1017 pp. Publicada como *La Naissance de l'architecture scolaire. Les écoles élémentaires parisiennes de 1870 à 1914*. Paris: Honoré Champion.
- Châtelet, A.M., Lerch, D., & Luc, J.N. (Dirs.). (2003). *L'école de plein air. Une expérience pédagogique et architecturale dans l'Europe du XX siècle*. E. Recherches.
- Châtelet, A-M. (2006). Ensaio de Historiografia I: a arquitetura das escolas no Século XX. Tradução Marcus Levy Albino Bencostta. *Revista História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, 20, 7-38.
- Chervel, A. (1998). *A. La culture scolaire: une approche historique*. Paris: Belin.
- Diefenbach, S. S. (2008). *Afonso Hebert: Ecletismo republicano no Rio Grande do Sul*. (Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura/UFRGS, Porto Alegre.
- Dorbenstein, A. W. (1992). *Porto Alegre, 1900 – 1920: estatuária e ideologia*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura.
- Dosse, F. (2003). *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC.
- Ermel, T. de F. (2011). *O «Gigante do Alto da Bronze»: um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913-1930)*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Faculdade de Educação/PUCRS, Porto Alegre.
- Escolano, A. (1993-94). La arquitetura como programa: espacio-escuela y curriculum. *Revista Historia de la Educación*, 12-13, 97-120.

- Escolano, A. (1998). *Arquitetura como Programa. Espaço-Escola e Currículo*. In Viñao, A., & Escolano, A., *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. (pp. 19-57). Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A.
- Escolano, A. (2000). *Tiempos y espacios para la escuela. Ensaíos Historicos*. Biblioteca Nueva: Madrid.
- Hassen, M^a de N., & Ferreira, M^a L. M. (1996). *Escola de Engenharia/UFRGS: um século*. Porto Alegre: Tomo editorial.
- Houaiss, A., & Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Faria Filho, L. M. (2000). *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo/RS: UPF.
- Faria Filho, L. M., & Vidal, D. G. (2000). Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. 14(Mai/Jun/Ago), 19-34.
- Faria Filho *et al.* (2004). A Cultura Escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Revista Educação e Pesquisa*. 30(1), 139-159.
- Fossati, P. (2014). L'edilizia per le scuole del popolo nell'Ottocento genovese. *History of Education & Children's Literature*, IX(2), 445-466.
- Fonseca, T. N. de L. (2003). História da Educação e História Cultural. In Fonseca, T. N. de L., & Veiga, C. G. (Orgs), *História e Historiografia da Educação no Brasil* (pp. 49-75). Belo Horizonte: Autêntica.
- Gvirtz, S., & Augustowsky, G. (2002). *Imágenes de nuestra escuela. Argentina 1900-1960*. Buenos Aires: Santillana.
- Julia, D. (2001). A Cultura Escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. SBHE, 1, 9-43.
- Louro, G. (1988). *Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Louro, G. L., & Meyer, D. (1993). A escolarização do doméstico: A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, 87.
- Silva, C. M. J. da. (2002). *Escolas Belas ou Espaços Sãos?: uma análise histórica sobre arquitetura escolar portuguesa (1860-1920)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Medeiros, L. T. (1992). *Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911: significado cultural*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS.

- Memória Anchieta: Retratos de 115 anos de educação (2005)*. Compilação Conexão e Marketing – Porto Alegre.
- Monteiro, C. (1995). *Porto Alegre: Urbanização e Modernidade: a construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Coleção História 4.
- Patetta, L. (1987). Considerações sobre o ecletismo na Europa. In Fabris, A., *Ecletismo na arquitetura Brasileira* (pp. 8-27). São Paulo: Nobel EDUSP.
- Pesavento, S. J. (1999). *Memória de Porto Alegre: Espaço e Vivências*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Pesavento, S. J. (2003). *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Possamai, Z. (2009). A cultura fotográfica e a escola desejada: considerações sobre imagens de edificações escolares – Porto Alegre (1919 – 1940). In *Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem* (pp. 930-948). Londrina/PR.
- Ribeiro, C. (2007). *Fernando Gomes. Um mestre do século XIX*. Porto Alegre: L&PM.
- Scmidt, C. (2000). De la «escuela-palacio» al «templo del saber». Edificios para la educación moderna. *Entrepasados*, IX(18-19).
- Scholl, R. C. (2012). *Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961)*. (Dissertação de Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre.
- Souza, R. F. de. (1998). *Tempos de Civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP.
- Souza, C. P. de. (2005). A criança-aluno transformada em números (1890 – 1960). In Stephanou, M^a., & Bastos, M^a. H., *Histórias e Memórias no Brasil. Vol. II: século XIX* (pp. 195-208). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Souza, R. F., & Valdemarin, V. T. (Orgs.). (2005). *A Cultura Escolar em Debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas: Autores Associados.
- Trilla, J. (1999). *Ensayos sobre la escuela. El espacio social y material de la escuela*. Barcelona: Ediciones Laertes.
- Vidal, D. G. (Org). (2006). *Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893 – 1971)*. Campinas: São Paulo.
- Viñao, A. (1993-94). El espacio escolar: introducción. *Revista Historia de la Educación*, 12-13, 11-16.
- Viñao, A. (1996). *Espacio y Tiempo. Educación e Historia*. Morelia: IMCED.
- Viñao, A. (1998). Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In Viñao, A., & Escolano, A., *Currículo, espaço subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A.

- Viñao, A. (2002). *Sistemas Educativos, culturas escolares y reformas. Razones y propuestas educativas*. Ediciones Morata: Madrid.
- Viñao, A. (2005). Espaços, Usos e Funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In Bencostta, M. L. A. (Org.), *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar* (pp. 15-47). São Paulo: Cortez.
- Weimer, G. (2003). *A vida cultural e arquitetura na República Velha (1889-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Werle, F. O. C. (2005). *Ancorando quadros de formatura na história institucional*. Caxambu: ANPED. Disponível em <http://anped.org.br/reunioes/28/textos/gt02/gt02-322--int.rtf>
- Wolff, S. F. S. (2010). *Escolas para a República: os primeiros passos da Arquitetura das escolas públicas paulistas*. São Paulo: EDUSP.

6. Álbuns e Relatórios

- Álbum Obras públicas: Centenário da Independência*. (1922) Porto Alegre: Oficinas Graphicas d'A Federação.
- Álbum Recordações de Porto Alegre*. 1º Centenário da Revolução Farroupilha (1835-1935). (1935), Porto Alegre: Livraria do Globo.
- Obras Públicas*. Centenário da Independência (1922). Porto Alegre: Oficinas Graphicas d' A Federação.
- Relatório apresentado ao Sr. Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. Protásio Antonio Alves (Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior), em 08 de setembro de 1908. Porto Alegre, Oficinas Graphicas, Livraria do Globo, 1908.
- Relatório apresentado ao Ex. Snr., General Salvador Ayres Pinheiro Machado vice-presidente em exercício do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. Protásio Antonio Alves (Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior), em 08 de setembro de 1916. Porto Alegre, Oficinas. Graphicas a federação, 1916. vol. I.
- Relatório apresentado ao Ex. Snr., General Salvador Ayres Pinheiro Machado vice-presidente em exercício do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. Protásio Antonio Alves (Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior), em 08 de setembro de 1916. Porto Alegre, Oficinas. Graphicas a federação, 1916. vol. II.
- Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros, Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Protásio Alves (secretário de Estado dos negócios do interior e exterior), em 27 de agosto de 1917. Oficinas Typographicas de A Federação, Porto Alegre, 1917. (vol. I).

Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Protásio Alves (secretário de Estado dos negócios do interior e exterior), em 27 de agosto de 1917. Officinas Typographicas de A Federação, Porto Alegre, 1917. (vol. II).

Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Protásio Alves (secretário de Estado dos negócios do interior e exterior), em 30 de agosto de 1919. Officinas Graphicas d' A Federação, Porto Alegre, 1919. (vol. I)

Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Dr. Protásio Antonio Alves (Secretário de Estado dos negócios do interior e exterior), em 24 de agosto de 1927. Officinas Graphicas d' A Federação, Porto Alegre, 1927.

7. Arquivos consultados

Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (AHRGS)

Arquivo de Porto Alegre Moyses Velhinho

Mapoteca da Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MUSECOM)

Memorial Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

8. Jornais

Correio do Povo, 15 de novembro de 1921, p. 3

Correio do Povo, 07 de setembro de 1921, p. 3

Correio do Povo. Revivendo o Passado, 1967.

page intentionally blank